

combatendo a...

Apatia Humana



libertação animal. libertação humana.

O início pelo início

Apatia; insensibilidade; indiferença; impassibilidade; inércia; marasmo. É o que devemos combater. O ser humano não pode ser apático com a realidade que ele mesmo criou. Coragem. Chega de especulação, podemos nos libertar das mentiras que aprisionam.

O “Apatia Humana” é um blog nascido com a intenção de divulgar e aprofundar discussões acerca do veganismo. Esse é o primeiro exemplar físico que reúne textos publicados online.

A vontade e a realização para se ter um formato impresso, vem primeiramente por acreditar nas possibilidades proporcionadas além da tela de computadores. O caráter pessoal e independente da distribuição, os consequentes diálogos e contatos fazem parte desse conjunto de incentivo para lançar esse livreto que tens em mãos.

Este material pretende somar informação em uma luta desigual entre os independentes e a mídia corporativa. É preciso alertar o leitor que aqui se buscou estar livre de pré conceitos elaborados por um sistema elitista altamente desenvolvido de propaganda do modo de vida burguês. Ter a mente aberta para deixar de lado os sedativos que tomou durante toda a vida depende unicamente do indivíduo, mesmo que não seja um caminho fácil. Desejo uma boa leitura.

Vinicius.

É livre e, inclusive incentivada,
a reprodução deste material
para fins não comerciais,
desde que a fonte seja
citada e esta nota
incluída.



“Combatendo a Apatia Humana – aperiódico. Curitiba, Brasil – verão 2012.”

Editorial

Há alguns anos atrás, me incomodava o fato de perceber uma tendência de afastamento do tema em relação à outras lutas¹ e, então, senti que eu precisava organizar o que eu vinha tendo de discussões e de leituras e tentar compartilhar isso de alguma forma. Escrever nos ajuda à compreender e a conhecer passos que estão sendo dados. Você busca o que está ainda preso, ainda não desenvolvido. Ao trabalhar a mente para a exposição, superam-se medos e o conhecimento é, de fato, produzido. Talvez essa premissa tenha sido o grande incentivo inicial: Questionar-me. Mas isso seria muito fácil. Quando se vive num mundo em que os que se levantam pelas minorias, contra os preconceitos e contra as explorações de tantas maneiras cometidas são os radicais, os que não servem para a “harmonia” da sociedade, e aqueles que cometem as injúrias estão protegidos pelas leis, pelas tradições, pelas religiões e pelo capital, você tem certeza que questionar a sua posição é apenas um exercício necessário para logo não se tornar mais uma presa fácil ou ainda, mais um amigo dos caçadores.

Quero dizer o seguinte: eu não me tornei vegano da noite para o dia. Esse processo não é como mudar o canal da sua televisão: a sua cabeça não pode estar em repouso e não existe um botão mágico. Quando essa posição é alcançada é porque passos foram dados na direção que se entendeu ética. Mas por mais que se deva comemorar esse fato, saber os ingredientes “proibidos” e então, boicotá-los, não é suficiente². *“Esse mercado construiu*

1 - Lutas sociais e revolucionárias. Não afirmo que isso não existisse, (obviamente as lutas por liberdades sempre estiveram presentes na história e, o veganismo, é apenas mais um desses pontos, ainda recente, que se insere na linha), mas sim que o pequeno universo físico e também o campo da internet que acompanhava no momento, não me dava a possibilidade concreta de fazer essas ligações tão importantes.

2 - Maiores referências à boicote e outros podem ser encontrados no texto “O veganismo será relevante para os próximos 70 anos?” da página 24.

praticamente um monopólio na cidade, a área em que ele foi construído não pertencia originalmente aos donos e a 'permissão' para isso se baseou na violência do Estado. Os funcionários não estão nada felizes, as embalagens que eu jogo no carrinho são pura fantasia, pois não demonstram nem um pouco do caminho que o produto teve para chegar até aqui. O horário que venho é imposto pelo meu tipo de trabalho e a maneira de locomover-me até a venda também não me lembra liberdade, nem inteligência". Ou seja, as consequências envolvidas em nossas escolhas vão muito além de apenas comprar um produto e, em seguida, passar a comprar outro. Trocar de marca sem trocar práticas mais abrangentes é justamente a maneira que o capitalismo espera que você atue, pois não haverá perigo algum em mexer nas estruturas que o sustentam, logo que, haverá um novo "nicho de mercado" a funcionar nos mesmos moldes exploratórios, mas com um rosto novo para abranger esse novo consumidor.

Precisamos saber, sem deixar muitas dúvidas ou ingenuidades tomarem conta, algumas coisas sobre o capitalismo. A primeira é a mais básica e talvez a mais difícil de entender: Há mais felicidade nas relações quando existe apoio mútuo, solidariedade e companheirismo à exploração, inveja e ganância (e toda a gama de ações que daí se soltam) para com os semelhantes. Sentimo-nos bem quando dão a mão verdadeiramente, sem esperar nada em troca além do vínculo criado, o que nos proporciona segurança para retribuir e para naturalmente deixar os que estão à volta felizes também. Bem no fundo, sabemos que até os patrões ou, as figuras de autoridades que se criam cotidianamente, preferem ter um tempo para sentir o que é a amizade verdadeira ao exercício tedioso do trabalho. Sim, há o poder, há o orgulho e, provavelmente isso será um determinante para que alguns soltem uma gargalhada com a afirmação acima. Mas o fato é que, se tivéssemos levado isso a sério, estaríamos construindo outro mundo; não levamos. O segundo ponto, retornando à questão ilusória da escolha do consumidor é que, o capitalismo se sai muito bem no que diz respeito à transformar-se. Muitos críticos apressados ou crentes em previsões para o *fim da história* apontam que existe uma crise no sistema e que o final está

próximo devido à tamanha instabilidade. O problema é que essa *instabilidade* é o próprio, sobrevivendo (e ganhando vitalidade?) às transformações tecnológicas, culturais e organizacionais trabalhistas. Não é preciso que haja um equilíbrio ou uma estabilidade para que continue a existir, pelo contrário, ele não pressupõe nenhum equilíbrio, tanto econômico, quanto político.

Portanto, cada vez que se fala de crise, fala-se da oportunidade de “expansão dos negócios”. Se, por exemplo, trabalhadores insatisfeitos cometem suicídio pulando pela janela, colocam-se redes embaixo para amortecer a queda³, ou: inicia-se um grande alarme sobre termos uma crise da violência; novos tipos de grades serão vendidos. A raiz do problema não será tocada, pois não existe interesse em acabar com um fator predominante na geração da violência, as desigualdades sociais, visto que é também, importante ferramenta neoliberal para manutenção de sub empregos ou enfim, de onde brotará lucros. Uma real conjuntura ou momento perigoso e decisivo seriam catástrofes naturais devastando as safras de alimentos e as moradias, o início de grandes pestes atacando humanos e animais não-humanos e/ou a geração de energia sendo insuficientes para realizarmos produções de itens necessários. Mas as crises econômicas que vivemos são trazidas por homens brancos de terno e gravata que nunca estarão contentes com uma contabilidade artificial. E quando esses números não batem, para os poderosos, tudo se justifica.

Tendo em vista essa dimensão, será muita ingenuidade quando o vegano apontar o dedo para o responsável imediato de alguma ação imoral e acreditar nessa eficácia. Explico: quando se tem conhecimento do que se passa dentro de um matadouro, de um laboratório de testes ou qualquer espaço de exploração animal e, está presente no observador a faculdade do sentimento de humanidade, a revolta se fará presente. Logo, é comum uma

3 Casos relatados recentemente, inclusive pela grande mídia (distribuídos pela BBC, CNN e ABC em matéria do jornalista Bill Weir), ocorridas nas instalações da Foxconn, empresa chinesa fornecedora dos produtos tecnológicos da marca Apple.

reação que confronte diretamente os indivíduos que aparecem em primeiro plano⁴. Porém, em um jogo onde nada está explícito, culpar somente os responsáveis diretos fortalecerá uma gigantesca estrutura de poder que se pretende manter discretamente funcionando em sua eficácia indiscutível⁵. O responsável imediato, por exemplo, pela brutalidade contra um animal é apenas uma face dentro de um quadro pintado em tons obscuros. É preciso olhar através das diferentes camadas desse quadro que constrói um conjunto limitado de escolhas. Ou seja, não se ganha a partida atacando somente os peões.

É preciso integrar as lutas contra um explorador comum. É necessário que a libertação animal esteja integrada na luta contra outras formas de autoritarismo e hierarquias. O sujeito ou o grupo militante deve reconhecer que existe um inimigo maior que abraça todas as nossas relações, sejam elas culturais, midiáticas, econômicas, sociais e políticas. A prática da não autoridade sobre animais não humanos deve entrar no campo dos objetivos revolucionários, ou seja, no que queremos como destino, “a condição que denota vitória. (...) Nos concentrarmos nas realidades imediatas é vital, mas ignorar o destino implica que jamais consigamos alcançá-lo.”⁶ A luta pelo fim do preconceito e

4 Leia-se: “Esse cara tem que morrer”, “que vá pro inferno”, “não merece viver”, entre outros ladeira abaixo.

5 Não temos exposto abertamente como os ricos fazem suas fortunas, nem como eles a mantêm. E, não adianta sair perguntando por aí, nem colocar em motores de buscas virtuais “como faço para ser rico”. Não há espaço. As classes dominantes trabalham justamente para esconder os mecanismos de poder e a isso, chamam de habilidade política. Talvez as exposições mais claras e inevitáveis sejam a repressão e violência policial, quando as demandas populares se configuram um risco, e os tribunais, que todos sabem, simplesmente não condenam essa classe nem seus parceiros.

6 - Retirado de “Como a não violência protege o Estado” - Peter Gelderloos (Editora Deriva, 2011)

tortura contra espécies pré definidas de seres vivos deve ser estendida e igualada às lutas contra o favorecimento de um tipo de gênero ou o favorecimento pela cor da pele e inúmeros desdobramentos que esses causam. Ainda, se a luta por uma dieta que se supõe livre de crueldade se manter isolada em seus objetivos estreitos, conseqüentemente estará colaborando com a estagnação do plano social e econômico, pois não estará de acordo com as outras frentes de luta contra a exploração que tem esses pilares como seus mantenedores. Em outras palavras, a isolação não é transformadora da sociedade, pelo contrário, suas limitações serão absorvidas pelo sistema e tornar-se-á um inimigo oculto⁷ em frente a lutas mais amplas e revolucionárias.

O desagrado do oculto: veganismo e a quebra de grossas paredes.

Está tudo servido à mesa, outra vez você vai sentar-se, pegar os talheres e começar a cerimônia que se repete tradicionalmente. As coisas parecem terem sido montadas de uma forma difícil de haver confusões: É preciso alimentar-se e ali está a comida, certo?

Bem, nada está como está por acaso. Existe um processo sempre em movimento ao qual chamamos de costumes e de civilização. Em vários momentos da história, algum sujeito se levantou da mesa, e estando curioso, nervoso ou confuso, começou a questionar alguma prática vivida naquele momento para os presentes. Não só isso, mas uma série de fatores num momento ou outro (podemos incluir desastres naturais, guerras, colapsos da economia, pestes) se misturaram aos hábitos e aos pensamentos que constroem o que existe à disposição hoje nas vastas e plurais mesas. O Veganismo, termo surgido há 70 anos, faz parte de um processo questionador de nossos costumes e das relações entre animais humanos e não humanos.

7 Referência ao livro de João Bernardo: “O inimigo oculto - ensaio sobre luta de classes, manifesto anti ecológico”, de 1979.

Destrinchar um animal inteiro em cima da mesa já foi um costume da alta burguesia europeia, o anfitrião mostrava suas habilidades aos convidados, que assistiam e aplaudiam a ação. Não durou muito tempo e essa cena começou a ser feita exclusivamente por empregados na cozinha, separada da sala, preparada para novas cerimônias. A carne que hoje se compra no mercado dentro de uma embalagem de isopor branca ou fechada à vácuo com plásticos transparentes sem rastros de sangue é considerada, pelo senso comum, uma evolução nos costumes. Mas todos esses modos atuais, inversamente proporcionais na relação entre crueldade e exposição, onde todo o trajeto para os produtos chegarem aos que usufruem está oculto, e o revelado é apenas um pacote ornamentado por profissionais de outra área, não podem esconder ou ainda eliminar a capacidade humana de questionar e exercer escolhas baseadas em princípios éticos filosóficos.

Está implícito em cada produto alimentício um caminho percorrido: o trato com a terra, as mãos que trabalham, o salário e as condições das mesmas, o transporte, os desperdícios e as relações exercidas entre esses fatores. Não há neutralidade em nossas escolhas, não há fuga da política se pensamos em nos manter alimentados e vivos. Escolher diminuir o sofrimento animal, tendo em vista a abolição dessa escravidão imposta aos seres que possuem características semelhantes às nossas em sentir dor, medo, angústia, fome e frio é a base da dieta vegana. Essa escolha não fica limitada aos animais, pois insere-se em toda relação dita anteriormente. As orientações e posições tomadas não são desassociadas da lógica que procura encontrar uma ética em outros campos. Se você já se questionou de onde vem sua comida ou porquê você se alimenta do que se alimenta, procure se informar. É possível escolher pelo não sofrimento, e isso é o mínimo que podemos fazer.

As Escravidões

Reflexões sobre a amplitude da *palavra* “*escravidão*”.

Os trechos a seguir foram retirados do livro *“1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil”*, de Laurentino Gomes.

“O maior entreposto negreiro das Américas sumiu do mapa sem deixar vestígios, como se jamais tivesse existido. Sua localização é ignorada nos mapas de ruas e guias turísticos. Situada entre os bairros da Gamboa, da Saúde e da Santo Cristo, a antiga Rua do Valongo até mudou de nome.

Hoje chama-se Rua do Camerino. Ao final dela, em direção à Praia Mauá, uma ladeira chamada Morro do Valongo, sem nenhuma placa, monumento ou explicação, é a única referência geográfica que restou. É como se a cidade, de alguma forma, tentasse esquecer o velho mercado negreiro e a mancha que ele representa na história do Brasil.”

“(…) Quando a corte portuguesa chegou ao Brasil, navios negreiros vindos da costa da África despejavam no Mercado do Valongo entre 18000 e 22000 homens, mulheres e crianças por ano. Permaneciam em quarentena, para serem engordados e tratados das doenças. Quando adquiriam uma aparência mais saudável, eram comercializados da mesma maneira que hoje boiadeiros e pecuaristas negociam animais de corte no interior do Brasil. A diferença é que, em 1808, a ‘mercadoria’ destinava-se a alimentar as minas de ouro e diamante, os engenhos de cana-de-açúcar e as lavouras de algodão, café, tabaco e outras culturas que sustentavam a economia brasileira.”



Esconderemos um dia os vestígios de nossos abatedouros?

O mundo sofreu profundas mudanças desde os séculos de escravidão negra, e o ponto crucial para a libertação dos escravos foi o capital. A Inglaterra, em plena revolução industrial queria um novo mercado consumidor e os negros no Brasil foram um alvo. Acreditando que seriam futuros trabalhadores assalariados, exigiu-se o fim da escravidão.

Se houveram pessoas que lutaram contra a escravidão por motivos, digamos, mais nobres? Sim, e muitas. Elas é que merecem o mérito da mudança, mas procuro lembrar mais uma vez de não cortarmos as

ligações entre as ideias e o lucro, no que diz respeito à pensar o veganismo. Digo isso, porque enxergo o veganismo como uma das lutas que existem em nosso mundo, ele não é separado de outras. Se pensarmos nele separadamente, poderemos conquistar uma vitória, mas uma vitória que nos levará a outra derrota talvez ainda maior. Não há vítimas a serem escolhidas, há vítimas prontas para serem usadas.

Vida, Terra e Fogo.

Walter Bond foi condenado no dia 13 de outubro de 2011 a 87 meses de prisão por dois incêndios provocados em Utah. Esta nova sentença será somada ao seu tempo de condenação no Colorado. Isto dá a Walter um total de 12 anos de prisão por suas ações como o “Lobo Solitário” da Frente de Libertação Animal.



Não sei se estou errado, mas não consigo pensar em qualquer “movimento radical” que tenha partido do próprio ponto radical. Precisamos sempre lembrar que há formações e construções que podem ou não levar as pessoas à mudar seus hábitos e/ou suas estratégias de ações para determinado fato. Se vez ou outra repararmos com atenção ao que podemos chamar de “controle das vozes”, onde uns ditam e outros precisam seguir, estaremos entendidos sobre o que é se indignar. Seguem as palavras de um lutador em sua declaração final no Tribunal:

“Estou aqui hoje pelos incêndios que cometi na Fábrica de Couro Tandy em Salt Lake City e no Restaurante Tiburon em Sandy, Utah, que vende o incrivelmente cruel foie gras. Os juízes dos EUA querem me dar à pena máxima e não apenas por causa dos meus “crimes”, mas porque não me arrependo e sou sincero. Minha intuição me diz que este tribunal não vai mostrar misericórdia comigo. Então, ao invés de mentir ao tribunal em

uma débil tentativa de salvar a mim mesmo, como estou certo de que muitos fazem isso quando enfrentam seu dia de sentença, deixe-me dizer-lhe como me sinto.

Lamento que quando tinha 19 anos eu construí dois matadouros que continuam a matar animais, mesmo agora, enquanto eu falo. Lamento que Tandy Leather comercialize peles arrancadas de mortos, e muitas vezes com os corpos de animais, como vacas, avestruzes, coelhos, cobras e porcos. Lamento que os curtumes que abastecem a fábrica Tandy envenenem a Terra com produtos químicos perigosos.

Lamento que os lucros do restaurante Tiburon sejam obtidos a partir da alimentação forçada de gansos e patos até que seus fígados explodam para que as pessoas ricas possam usar isso como um patê para biscoitos e pão. Lamento que ganhe a vida com os cadáveres de animais selvagens e exóticos. Sinto que vivemos em uma época onde se pode estuprar uma criança ou bater brutalmente numa mulher até ela ficar inconsciente e receber menos tempo de prisão do que um ativista pela libertação animal que atacou a propriedade em vez de pessoas.

Lamento que o meu irmão estivesse tão desesperado para sair de uma dívida que voou desde Iowa para o Colorado apenas para me meter em uma conversa gravada e monitorada para obter o dinheiro da recompensa. Lamento estar relacionado biologicamente a um informante de pouco valor. Lamento ter esperado tanto tempo para se tornar um membro da Frente de Libertação Animal. Por todas estas coisas sempre terei algum pesar. Mas pelos incêndios na fábrica de couro e no restaurante Tiburon, não tenho nenhum remorso.

Estou ciente de que as leis da terra favorecem as empresas para que elas obtenham mais benefícios sobre a vida dos animais. Que elas também tendem a favorecer os proprietários brancos para que lucrem com a escravização de pessoas negras. Igualmente que elas são utilizadas para favorecer a capacidade dos maridos para atacar brutalmente suas esposas e agir sobre elas como se fossem um objeto. Aqueles que violaram a lei e danificaram a propriedade para se opor a opressão também eram chamados de "terroristas" e "fanáticos" em seu tempo, mas isso não muda o fato de que a sociedade avançou e continua avançando.

Então, hoje eu sou o cara mau. Esta é apenas uma questão de coincidência histórica. Quem sabe, talvez uma sociedade menos brutal e menos violenta se um dia existir entenderá que a Vida e a Terra são mais

importantes que os produtos da morte e da crueldade. E se não, então para o inferno com tudo isso de qualquer maneira! Que os que me apóiam ou os meus críticos pensem que eu sou um lutador pela liberdade ou um louco com um galão de gasolina na mão não faz nenhuma diferença para mim. Passei anos comprováveis promovendo, apoiando e lutando pela libertação animal. Eu vi animais vítimas da injustiça humana, milhares deles com meus próprios olhos, e o que vi foi sangue, vísceras e sangue! Eu fiz uma promessa para os animais e a mim mesmo, lutar por eles de todas as formas que pudesse. Não me arrependo de nada disso, e nunca me arrependerei!

Podem tomar a minha liberdade, mas não podem ter a minha submissão.”

Sobre saúde e o nosso organismo

Transcrevi um trecho sobre diferenças entre organismos de seres carnívoros e o dos seres humanos presente no documentário **“The Gerson’s Miracle”**.

“A ‘Terapia de Gerson’ é considerada por muitos o tratamento mais efetivo contra o Câncer até hoje proposto pela medicina. Ataca o câncer baseando-se apenas na nutrição, desintoxicação e suplementação, tendo uma enorme porcentagem de seus pacientes totalmente curados, sem quimioterapia, sem radiação, sem cirurgia, sem náuseas.”

Tal documentário é uma fonte excelente para tirarmos dúvidas sobre a influência da alimentação em nossa vida e na Terra. Vale muito a pena assisti-lo. Segue o trecho em destaque:

“(…) É evidente que todos os animais carnívoros, como esses, foram projetados para caçar, matar e sobreviver de presas de carne. Seus dentes, os ácidos do estômago e o trato digestivo curto suportam isso. Por outro lado, a estrutura dos dentes de um ser humano é bastante diferente dos dentes desse lobo selvagem. Mas as diferenças entre os selvagens comedores de carne e os seres humanos não terminam aí. O sistema digestivo humano é muito maior e mais complexo, e semelhante em todas as criaturas herbívoras. Além disso, o ácido do estômago e as enzimas do intestino dos seres humanos são incapazes de quebrar e digerir adequadamente a carne contendo proteínas animais. Carnívoros têm intestinos muito curtos e simples para excretar a carne mastigada e digerida rapidamente – geralmente dentro de duas horas – o que exclui a

possibilidade de a carne ter tempo para apodrecer e envenenar seus sistemas. No ser humano, em geral, leva quarenta e oito horas para a carne atravessar. Invariavelmente, algumas delas não passam totalmente, mas ficam presas em pequenos bolsos no cólon, apodrecendo não por horas, mas dias, meses e até anos. O prejuízo da ingestão de carne para todos esses órgãos humanos essenciais, especialmente o pâncreas, que também está envolvido no processo digestivo, é enorme. O pâncreas nunca foi projetado para quebrar proteína animal ou carne. Em vez disso, o pâncreas produz sucos digestivos para dividir as moléculas adequadas de alimentos ricos em proteínas, encontrados somente em vegetais. Na digestão de vegetais, o pâncreas então realiza a sua segunda finalidade, produzindo enzimas pancreáticas para combater doenças. Quando é preciso digerir carne, o pâncreas é desviado de sua importante finalidade protetora. Se apenas eliminamos os produtos de origem animal de nossa dieta, as chances de ter câncer, diabetes ou doença cardíaca - e a caixa de Pandora de desgraças que acompanham tudo isso - quase desaparece. Mas a dieta americana padrão - denominada triste, para dizer o mínimo - virou totalmente essa estatística, cientificamente verificável, de cabeça para baixo.”

Valores nos corpos

Toda organização política exerce um controle público sobre o corpo privado. A prisão e a impressão digital são bons exemplos. Expressões como “corpo místico”, “corpo da armada”, “corpo da lei”, “corporação profissional” o demonstram bem. A luta de classes e a hierarquia das funções fazem também da política uma metáfora do corpo. Os corpos tornam-se uma nova mercadoria a se consumir em todas as suas formas - a higiene, a maquilagem, a vestimenta, os esportes da moda. (...) Assim, o corpo não é apenas uma mercadoria, mas um capital que se deve fazer frutificar, seja pelo trabalho ou pela institucionalização das férias. (...) O corpo é um índice da classe a que se pertence, da mesma forma que a habitação e o automóvel. Essa separação persiste mesmo após a morte, na maneira como são tratados os corpos nos funerais.¹



Podemos expandir muito mais essa visão fazendo uso de filosofias, contrapondo-se uma as outras, a noção física, biológica, as ligações com o ambiente ou as questões de pertencimento à esse, também a noção do equilíbrio de forças ou ainda, o instrumento do pecado pela noção judaico-cristã. Mas mantendo-se no foco da prerrogativa do “corpo negócio”, tão sentida em nossa sociedade do lucro, do rendimento, da produção em nome da perpetuação do mesmo sistema, da propaganda, da competição, entre outras coisas, tem-se a noção de como essa condição nos provoca desvarios, cria delírios e fortemente molda inconscientes, que se não tratados a tempo, jamais dissociarão a imagem construída do que de fato, pode-se representar o corpo: um local de troca, fraternidade, nudez, contato, encontro, discussões, fonte de emoções e sentimentos.

Uma das maneiras de desvencilharmos do que nos colocam como um caminho seguro para nos mantermos sem o desprazer da dor em vários níveis de percepção, ou seja, fazer uso das drogas farmacêuticas é, antes de tudo, eliminar o pensamento que esse é um caminho seguro. Pois não há propaganda que consiga superar um pensamento sóbrio e focado nos próprios fatos: As drogas farmacêuticas e os tratamentos tradicionais de ‘cura’ não curam o corpo como um todo, mas o vicia, o torna dependente quimicamente ou de atividades psíquicas não voluntárias, entre outras situações. O próximo movimento é conhecer como cuidar desse corpo longe da ótica dominante da medicina moderna, ou a ‘medicina’ do lucro.

Os entendimentos sobre saúde e a própria definição dessa palavra podem passar por diferentes sentidos em variadas culturas, mas nunca dissociado do ato de manter-se são, que trará consigo alguns níveis de percepção para o mesmo. Mas a visão dominante e a que deve ser combatida é a da ‘qualidade de vida’, engendrada pelos gestores capitalistas. Para esses, ter qualidade é possuir uma rotina, fazer movimentos repetitivos e programar um pequeno período com uma organização e horários semelhantes, mas em outro cenário. Em outras palavras, férias. Supõe-se que saúde é ter um horário de descanso e entretenimento, normalmente em frente à um televisor, com um

automóvel x conduzindo no caminho, as vestimentas adequadas, as horas e o poder de compra e outros poderes que acabam ligando ou acorrentando um modo de vida ao trabalho, o qual responde às necessidades criadas para obter a 'qualidade total'.

Nesse ponto enxergamos presente um outro elo que a saúde e seus decorrentes terrenos de significações expõem, como é o caso de inserir um modelo do que é ter uma boa saúde, uma boa vida. E nada se desliga ao fato de produzirmos o capital para isso, portanto, é possível deduzir que a saúde depende do trabalho, e esse cria suas bases de funcionamento através do lucro, não de éticas, como todos sabem. Em outras palavras, a saúde se liga a exploração de outros homens e de animais. Mais uma vez, criam-se abismos maiores, "Os brasileiros pobres que estudam e trabalham são verdadeiros heróis. Submetem-se a uma jornada de até 16 horas diárias, oito de trabalho, quatro de estudo e outras quatro de deslocamento. Isso é mais do que os operários no século XIX." ² O sistema de qualidade de vida é vendido e propagandeado para todos, e assim como outros produtos da burguesia: você tem de pagar para ficar enquadrado. Isso levará, como vimos, a outras consequências, assim como se aceitarmos um 'veganismo de mercado'. Ou seja, aceitar que nos digam que a solução à exploração animal estará em prateleiras, dentro do mesmo sistema, dentro dos mesmos padrões de trabalho, dentro da continuidade da exploração humana, dentro das mesmas propagandas falsas.

Exijamos de nós mesmos uma consciência que trate o corpo e a saúde não como matérias vendáveis e próprios instrumentos do lucro. Exijamos um maior cuidado com a vida. Maior vivência, maiores verdades, maiores contatos e descobertas, longe do que nos oprime.

¹Paulo Freire, (trechos selecionados) de "Soma - A Alma é o Corpo".

²Márcio Pochmann em <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2011/09/497950.shtml>



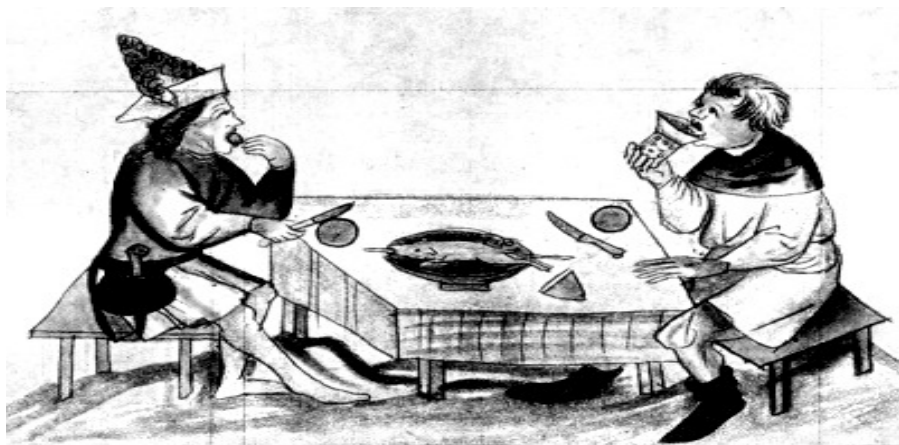
Do costume de comer carne

Até que ponto poderíamos crer na expressão: “eu não me importo com eles! (animais)”, quando damos conta que tivemos uma história de costumes voltadas para um afastamento e ocultamento dos próprios constrangimentos do “se importar”? Está implícita a contradição. O indivíduo bombardeado por tantas regras e reprimido pelas esferas sociais toma para si o “não se importar” com outros seres como uma resposta firme de que tem um controle sobre o que lhe cai. Digo que o veganismo é uma quebra de uma atmosfera individualista e claro, especista. Não é a busca de prazeres imediatos, é a busca de um prazer maior: desconstruir o “natural”, atacar as coisas como elas são, apostar em algo novo.

O artigo que segue são fragmentos retirados do livro **“O Processo Civilizador”**, de Norbert Elias, e nos dá uma ideia de como produzimos mudanças psíquicas que alteram nossa vida social e moldam comportamentos.

“Fica claro que a mudança do comportamento à mesa é parte de uma transformação muito extensa por que passam sentimentos e atitudes humanas. Também se vê em que grau as forças motivadoras desse fenômeno se originam na estrutura social, na maneira em que as pessoas estão ligadas entre si. Vemos com mais clareza como círculos relativamente pequenos iniciam o movimento e como o processo, aos poucos, se transmite a segmentos maiores. Esta difusão, porém, pressupõe contatos muito específicos e, por conseguinte, uma estrutura bem definida da sociedade. Além do mais, ela certamente não poderia ter ocorrido se não houvessem sido estabelecidas para classes mais amplas,

e não apenas para os círculos que criaram o modelo, condições de vida – ou, em outras palavras, uma situação social – que tornassem possível e necessária uma transformação gradual das emoções e do comportamento, um avanço no patamar do embaraço.



(...). A mudança como a carne era servida mudou consideravelmente da Idade Média até a época atual. É das mais instrutivas a curva dessa mudança. Na classe alta medieval, o animal morto ou grandes partes do mesmo eram trazidas inteiras para a mesa. Não só peixes e aves inteiras (às vezes, com as penas) mas também coelhos, cordeiros e quartos de veado aparecem na mesa, para não mencionar pedaços maiores de carne de caça, porcos e bois assados no espeto.

O animal é trinchado à mesa. Este o motivo por que os livros sobre boas maneiras repetem, até o século XVII e, às vezes, até no século XVIII, que é importante que o homem educado saiba trincar bem.

(...) O trincho e a distribuição de carne são honras especiais. A tarefa cabe em especial ao dono da casa ou a hóspedes ilustres, a quem ele solicita que realize o trabalho. “Os jovens e os de classe inferior não devem interferir no ato de servir, mas apenas aceitar o que lhes foi entregue na sua vez”, diz a *Civilité Française* anônima, de 1714.

O fato de desaparecer gradualmente o costume de colocar na mesa grandes pedaços de animal para serem trinchados liga-se a muitos fatores. (...) Neste caso, também, a tendência psicológica acompanha um processo social mais amplo: hoje causaria repugnância a muitas pessoas se elas ou outras tivessem que trincar meio novilho ou um porco à mesa

ou cortar a carne de um faisão ainda adornado com suas penas. (...) Esta direção é bem clara. A partir de um padrão de sentimentos segundo o qual a vista e trincho de um animal morto à mesa eram coisas realmente agradáveis, ou pelo menos não desagradáveis, o desenvolvimento levou a outro padrão pelo qual a lembrança de que o prato de carne tem algo a ver com o sacrifício do animal é evitada a todo custo. Em muitos de nossos pratos de carne, a forma do animal é tão disfarçada e alterada pela arte de sua preparação e trincho que quando a comemos quase não nos lembramos de sua origem.

Será mostrado que as pessoas, no curso do processo civilizatório, procuram suprimir em si mesmas todas as características que julgam “animais”. De igual maneira, suprimem essas características em seus alimentos.



O ato de trincar, conforme demonstram os exemplos, outrora constituiu parte importante da vida social da classe alta. Depois, o espetáculo passou a ser julgado crescentemente repugnante. O trincho em si não desaparece, uma vez que o animal, claro, tem que ser cortado antes de ser comido. O repugnante, porém, é removido para o fundo da vida social. Especialistas cuidam disso no açougue ou na cozinha. Repetidamente iremos ver como é característico de todo o processo que chamamos de civilização esse movimento de segregação, este ocultamento para “longe da vista” daquilo que se tornou repugnante. A curva que ocorre do trincho de grande parte do animal ou do animal inteiro, passando pelo avanço do patamar da repugnância à vista dos

animais mortos, para a transferência do trincho a enclaves especializados por trás das cenas, constitui uma típica curva civilizadora.”

Os nós da rede

Segue uma pequena análise histórica e uma tentativa de percepção de um momento presente à respeito de movimentos culturais de esquerda surgidos no campo da internet, desembocados no Brasil.

A burguesia de hoje é dependente da classe média em ascensão, ou a que busca essa elevação como o sentido para vida, ou ainda a que faz com que esses desejos sejam expostos em ostentações para cuidar primeiramente dessa nova e necessária aparência ou o sustentáculo considerado essencial para dar o primeiro impulso à gangorra. Mas para o efeito ser mais concreto ou para colaborar com os anteriores, essa classe faz as alianças com a burguesia para dar conta do status quo e esses, não podem mais julgá-los de um lugar distante. Sim, é preciso aproximar-se de quem está subindo, e para isso não há grandes problemas em entrar, ou estar constantemente, em transformações. Isso se chama agradar o parceiro e/ou cliente.



Em outras épocas, a aristocracia já precisou mudar seus valores ou transformá-los quando perceberam estar dependentes de uma classe inferior que seriam seus aliados ou os substituíram nos negócios e na decorrente formação de novos valores.

“O padrão de controle das inclinações, do que deve e não deve ser controlado, regulado e transformado, certamente não é o mesmo neste

estágio do que no precedente, da aristocracia de corte. Conforme os diferentes tipos de interdependência, a sociedade burguesa aplica restrições mais fortes a certos impulsos, ao passo que certas restrições, que eram aristocráticas, são transformadas para se adaptarem à nova situação.” (ELIAS, Norbert) Aqui temos o exemplo do advento da grande industrialização e as conseqüentes mudanças de paradigmas e relações entre as pessoas. Os burgueses usam elementos das tradições para não suscitar dúvidas à subordinados que eles são os novos escolhidos, e importante, ainda escolhidos por Deus, mesmo que esse deus tenha acabado de ser transformado para os novos interesses de dominantes.



Porém, palácios isolados e exibições pré programadas não serão mais tão frequentes, pois as fábricas vão exigir olhar mais próximo aos trabalhadores, se comparados à situação anterior. E os trabalhadores então, se vêem obrigados à uma completa e nova perspectiva de conviver todo o tempo com o olhar dos companheiros.

Mas falamos do presente momento em que a internet insere novos hábitos, novas velocidades e maneiras de enxergar o que o outrem representa. Também já se concentra como um estímulo para além das dicotomias do que é e do que pode ser o indivíduo: se mostra um campo de relacionamentos políticos que quase são desempenhados de forma imediata, considerando as convocações especificamente das redes sociais. Se o acesso vem crescendo (não à passos largos, é verdade. E também não somente à internet sendo referida aqui, mas no campo social brasileiro) oportunidades para o capitalismo desempenhar a criação de novos desejos vem junto. Não que tudo seja dessa forma, pois continuam existindo “desejos” básicos sem grandes “influências externas” dos humanos, como o de não viver sem o mínimo de estrutura social, moradia e alimentação. Mas outra classe, bem menos miserável e que por vezes descartam que ainda existam classes sociais, diga-se de passagem, mantém e fazem crescer hábitos que já estiveram periféricos

e agora passam por uma contemplação mais atenta da sociedade e do Estado, (o caso da maconha e sua marcha) mesmo que sem coragem (ainda) de posicionamentos claramente à favor pelos governantes.

Será essa imensidão de informações de nossos dias a alavanca para mudanças radicais, ou será que tanta ignorância na distinção dos fatos também produzidos pelas mídias deixaram a massa incapaz de uma organização verdadeira? Digo verdadeira no sentido de não se inserir dentro do esperado por quem está em situação dominante e a espera de novos parceiros que somente perpetuarão os negócios, ou por assim dizer, a situação favorável às tradições burguesas.

As confusas percepções, os anseios de pertencimento e as tentativas de ser ouvido, geram sem duvidas mudanças nos costumes. Mas são mudanças absorvidas, que não saem de uma fronteira para um “outro mundo”. Pois esse outro mundo não é feito por imediatismos desprovidos de estudos e políticas combativas estruturadas e pensadas para destruição do que já temos aí.

Ao que parece, mais e mais pessoas se cansam, mas ainda estão ausentes posicionamentos claros do que precisa ser feito. Se o momento e as “armas” são propicias à revoluções, então o esforço será em como tratá-las para conseguirmos alguma eficácia. A ausência de bases políticas é o motor para infelizes criarem piadas que lhe agradam o ego enquanto injeta-se um ar de festa. Estamos fazendo tudo igual (com as transformações esperadas, calculadas) ou essa explosão é um verdadeiro passo à qualquer coisa que nos leve longe da *marcha da mesmice histórica*?

Um olhar panorâmico para a justiça

A ‘Ruckus Society’ é uma organização com objetivos práticos de treinamento para ações diretas. Eles possuem campos bases espalhados pelos EUA para oferecer além de grupos de estudos, ensinamentos estratégicos para ações diretas nas ruas e florestas. Entre outras coisas, nessa entrevista foi falado sobre maneiras de agir sob uma dimensão impossível de separar: justiça social, direitos dos animais e ambientais. O que segue são alguns trechos:



“Você realmente não tem como separar os direitos humanos e a justiça social do meio ambiente. Um planeta saudável é o primeiro direito do homem e o primeiro direito do planeta é ser deixado em paz pela porra do homem. Queremos tentar fazer as pessoas entenderem que ação direta é uma ferramenta valiosa – senão a mais valiosa – em nossa caixa de ferramentas. Mas é preciso reconhecer que ela não é uma estratégia por si só, é uma tática que pode se encaixar em uma estrutura estratégica e tem que ser entendida como tal.”

“(…) Mas paralelamente a isso havia uma evolução natural e um entendimento de que temos que trabalhar juntos. Metalúrgicos e tibetanos, ativistas pelos direitos animais, hippies e anarquistas, todos precisam perceber que estamos trabalhando com um objetivo em comum. Podemos ter visões diferentes de como ele se concretiza, mas basicamente estamos tentando reverter a tomada de poder das corporações sobre nosso planeta. Estamos vendo um mundo que vai realmente conseguir se sustentar.”

“(…) Elas (as pessoas) se sentem desafiadas a fazerem coisas que não sabiam que podiam fazer. E garantimos que elas consigam – na verdade, elas garantem que elas mesmas consigam. Há um certo poder ao ver as pessoas vencerem obstáculos. É um pouco piegas (...), mas as pessoas vão embora transformadas pela experiência de vencer desafios e confiar

em seus amigos - talvez amigos que tenham feito naquela manhã - confiando em suas ferramentas e vendo que não é mágica, que todos nós podemos fazer isso, que todos nós podemos retomar o poder e atirar nossos corpos dentro do maquinário e desativar a máquina se for preciso.

(...) E, algo muito importante, temos que demonstrar que não estamos apenas lutando contra as coisas. Não estamos tentando apenas banir as coisas, ou tentando acabar com isso ou aquilo. Também estamos falando sobre começar e construir coisas. O que queremos é geralmente pragmático, não é um castelo de vento. Só estamos dizendo que queremos fazer as cidades habitáveis. Queremos recuperar rios e riachos. Queremos proteger a diversidade biológica. Queremos priorizar a educação e a assistência médica ao invés de encarcerar as pessoas.”

“Nos anos 80 em especial, havia muito ambientalismo DIY que colocava a culpa no consumidor, como a reciclagem. É claro que esse tipo de coisa é importante, mas na verdade ninguém tinha permissão para olhar para os paradigmas subjacentes como a cultura consumista, que originalmente criou tanto lixo. As pessoas são forçadas a fazer isso agora porque é absolutamente esmagador tentar lidar com a luta no Tibet, com o trabalho semiescravo, com rios envenenados, esgoto tóxico em comunidades étnicas, lixo nuclear em terra indígena, o constante militarismo, iraquianos morrendo sob um embargo ridículo e racismo global. Há muita coisa acontecendo! Então as pessoas olham para o capitalismo porque é o paradigma econômico sobre o qual tanto dessa opressão se baseia.”



“Nós não vamos parar até que você o faça”.

“Eu acho que se utilizarmos nossa cobertura na mídia mainstream como índice de sucesso ou fracasso, então estamos perdidos. (...) A grande questão é, eu acredito que é possível? Eu acho que não temos escolha.

Ou revertemos essa porra de tomada corporativa e reavemos a democracia, ou vamos todos perecer por isso. Isso soa tão cínico, mas há esperança implícita nisso, porque quando as pessoas entenderem o quão desesperadora é a situação, eles vão acordar antes que seja tarde demais.”

As palavras são de Han Shan, diretor de programa da Ruckus Society, e está no livro “Não devemos nada a você”, original “We owe you nothing”, de Daniel Sinker (Punk Planet).

Alguma coisa de futuro

Num momento ou em outro, o presente deixará de ser a nossa certeza. Não está lúcido, mas está em todas as pessoas que o futuro não é apenas um luxo. Ele faz parte como o seu café da manhã de hoje, você o quer por perto e você caminha para conquistá-lo, simplesmente porque não podemos nos permitir cravar uma estaca em nosso próprio pé. Assim é como pensamos o futuro, querendo ou não. O problema é quando isso não se reflete em pensamentos inteligentes e claros sobre o que podemos fazer hoje. Há de se conquistar uma revolução interna, mas se colocar como protagonista externo dessas ações. A motivação vem de pensar que cada indivíduo busca alguma coisa de futuro, em diferentes níveis, em diferentes condições, mas a busca não cessa. E é por isso que há trabalho à ser feito.

- Olhe - disse Roany -, não é carne bovina. É de búfalo. Aqui ninguém come carne bovina. Aliás, o que a gente come não tem nada a ver com o movimento que você e Shy estão fazendo.

- Tem tudo a ver. Os criadores de gado subvencionados a essas suas vacas que são uns balões de gás que destroem a propriedade pública, o habitat ribeirinho, arrancam plantas raras, pisoteiam as margens dos córregos, produzem gás metano que destrói o ozônio, devastam os Parques Nacionais que pertencem ao povo, a todos nós, é isso o que fazem essas vacas nojentas, idiotas e poluidoras que destroem o mundo, e para quê? Ridículos três por cento do produto estadual bruto. Para que uns poucos possam viver como se vivia no século XIX - ele se deteve meio desesperado. Ter que explicar aquilo ali. Baixou os olhos. (...)

- Quero voltar atrás - disse ele. Sua voz estava inflada de paixão profissional. - Quero que tudo volte a ser como antes, que todas as cercas e todas as vacas desapareçam. Quero que os capins e as flores silvestres nativas tornem a brotar. Quero águas claras correndo nos riachos secos, os mananciais voltando a fluir e os grandes rios vazando

com força. Quero que o lençol freático seja recuperado. Quero que os antílopes e os alces e os bisões e os carneiros selvagens e os lobos recuperem seu território. Quero que os criadores de gado, os operários, fabricantes e distribuidores da indústria da carne caiam de cabeça no inferno.



Wade Walls, protagonista dos trechos, é um personagem fictício de um conto chamado “Os Governadores de Wyoming”, do livro “Curto Alcance”, escrito por Annie Proulx, a mesma autora de “O Segredo de Brokeback Mountain”. Achei curioso ver como alguns personagens no meio de um cenário, à primeira vista “previsível”, acabam tendo reações alternativas ao modelo de vida que lá se concentram. O Estado de Wyoming, nos EUA, é uma “terra de ranchos de caubóis, planícies e montanhas castigadas pelo vento, poeira, chuva e neve, de estação para estação”. Nos lugares inóspitos trabalhados pela autora, o convívio cru e forte entre as poucas pessoas que há na vista dos olhos promove comportamentos que “vão do sobrenatural ao francamente cômico, do quase heróico ao patético”, revelando o que há de mais interior nas pessoas, como essa vontade de transformar e de parar com o que não faz sentido. Para mim, é essa a lição: No interior estão as respostas para irmos atrás do que faz sentido; eliminar os vícios e as imposições culturais que nos exploram e aos animais.

O seu luxo ou a verdadeira mudança?

Preocupar-se com o bem-estar dele te faz uma boa pessoa.



Preocupar-se com os direitos dele te faz um terrorista?

*Os choros nas tragédias que envolvem seus animais queridos não traduzem nada do que se passa com os outros bilhões pelo mundo. Essas lágrimas ainda não fizeram derramar o conhecimento de uma causa muito maior: os **direitos dos animais**. Aqui a legalidade não é a moralidade. Os atrasos de pensamento, o controle do dinheiro na mídia e na (des)esperança de elevação que não seja a material não serão desculpas. Que tudo se faça pelos animais, esqueça essa cidade barulhenta à sua volta e olhe nos olhos dos seus semelhantes.*

Bem-Estar é trocar as amarras de sua poltrona para que você fique sentado mais confortável por todo o tempo. Direito é poder levantar-se.

O veganismo será relevante para os próximos 70 anos?

Segue um artigo traduzido do blog “Vegetarian Myth Myth”.



Quando Donald Watson, Sally Shrigley e 23 de seus amigos fundaram a “Vegan Society” em 1º de novembro de 1944, o mundo era um lugar muito diferente. Não foi por acaso que o veganismo, um termo cunhado por Watson, foi ganhando força durante os meses finais da Segunda Guerra Mundial. Com o pôr do sol sobre os velhos impérios marítimos, muitos europeus olharam para a devastação provocada pela guerra industrial e sabiam que tinha de haver uma outra maneira. Infelizmente, Roosevelt, Stalin e Churchill tinham outras ideias. Os políticos, industriais e aproveitadores dos lucros da guerra, classificaram que eles fizeram bem feito, pois perderam pouco tempo durante os anos de guerra para consolidar o poder. Enquanto os Estados Unidos e o Império Soviético se levantavam, anarquistas e a esquerda política fizeram o melhor para se recuperar da repressão dos anos de guerra. Visionários igualitários como Watson procuraram maneiras pioneiras de viver, que poderiam deixar a violência da guerra e o abatimento no passado. Então, por que não nós?

A história dos boicotes estratégicos é longa, e nos anos que antecederam o nascimento da Vegan Society de Donald Watson, já tinham sido utilizadas em diversos graus de sucesso. Desde o boicote da “Liga Nacional Negra” dos bens produzidos por trabalho escravo em 1830 a Gandhi durante a luta pela independência da Índia, para o boicote Judeu organizado contra a Ford, por seus laços com o Terceiro Reich, havia amplo e suficiente precedente histórico para sugerir que a negação coordenada de apoio econômico popular poderia resultar em pelo menos um grau de reforma sistêmica.

Muito mudou entre os anos de 1944 a 2011. Enquanto o veganismo como um simples boicote pode ter parecido uma estratégia suficiente há 67 anos em um mercado pré-global, não podemos hoje mais esperar para

comprar o nosso caminho para a revolução. Ultimamente, os esforços de ações que não atacam as causas da exploração sistêmica resultarão na recuperação do veganismo pelo poder institucional. Como discutimos em um post anterior, o capitalismo global depende de uma margem cada vez maior de maximização do lucro através da extração de recursos. Mesmo se formos suficientemente ingênuos para acreditar que podemos minimizar os efeitos desta extração através da reforma dos seus aspectos mais brutais, a lógica capitalista sempre procura uma maior taxa de eficiência de extração. O único equilíbrio procurado por este sistema é a de um planeta morto em que todos os recursos tenham sido explorados até o ponto de inutilidade. Isso é incompatível com a ética do veganismo, e como tal, qualquer vegano sério precisa ser tão sério sobre a organização contra o capitalismo global como eles são pelo boicote da carne e produtos lácteos.

Uma visita a feirinha ou empório de comidas naturais do seu bairro mostra como até mesmo um ethos (a ética) como o veganismo pode ser transformado em uma divisão de classe. Pagando grandes corporações para transformar a sociedade para nós não é uma estratégia política viável. Quando nos envolvemos com o veganismo exclusivamente como consumidores, estamos sendo presas e caindo nos mesmos truques de marketing que legitimam a carne humana (sic): a de que um estilo de vida sem culpa custa apenas alguns dólares extras por semana. Esta falta de estratégia garante que o veganismo terá uma morte tranquila em um gueto subcultural de classe média de nossa própria criação. A devastação ecológica e o assassinato da biodiversidade provocada por plantações de soja é como o capitalismo industrial interpreta o veganismo. Se o veganismo não é anti-capitalista, então é inútil, exceto talvez, para nos deixar testemunhar uma extinção em massa em câmera lenta.

Nada disso quer dizer que o aspecto boicote produzido pelo veganismo carece de relevância, somente que não podemos esperar para fazer o progresso social envolvendo-se na ética do veganismo apenas como consumidores. Boicotes têm sido usados no passado como poderosas ferramentas de organização. Eles são demonstrações de força, incorporados com solidariedade, disciplina e unidade. Eles são luzes para outros que se importam mas sentem-se impotentes ou isolados. Estamos aqui, estamos equilibrados e cada pessoa que vem com a gente adiciona para a inércia histórica de nosso movimento.

O boicote só pode ser o nosso primeiro passo como um movimento, mas não é o único que fizemos em 70 anos. A "Hunt Saboteurs Association", a

“Band of Mercy”, a “Animal Liberation Front”, as Ligas Libertárias, “SHAC” e todas as Ligas de Defesa Animal representam avanços estratégicos na luta pela libertação animal. Concordando ou não com qualquer tática especial utilizada por esses grupos, é importante estudar suas histórias. Se você é alguém para quem o veganismo é um ato político, então é a sua história. Para que este movimento mantenha relevância para outros 70 anos, precisamos ser destemidos de sua evolução a partir da reação anticapitalista como ferramenta de organização para uma fundação social pós-capitalista.

É chegado a hora de alcançar as estrelas

“A luta não é para nós, nem para os nossos desejos e necessidades pessoais. É para cada animal que tenha alguma vez sofrido e morrido nos laboratórios de vivissecção, e para cada animal que vai sofrer e morrer nesses mesmos laboratórios a menos que nós terminemos com esse negócio diabólico agora. As almas dos mortos torturados clamam por justiça, o grito da vida é pela liberdade. Nós podemos criar essa justiça e nós podemos entregar essa liberdade. Os animais não têm ninguém, apenas nós. Nós não vamos desapontá-los.”

“É sempre mais fácil ver as razões pelas quais não podemos ser bem-sucedidos, sempre mais fácil balançar os ombros e acreditar que o melhor que podemos fazer é tentar, quase que como uma ação de consolo. Sem acreditar no sucesso, o sucesso se torna difícil de ser alcançado, quase uma impossibilidade. Assim como a libertação animal na verdade, [que dizem ser] um conceito impossível. No entanto, sabemos que não é, ou senão pelo que estamos lutando? Nunca devemos temer o sucesso das nossas ações ou deixar de acreditar nele. E nunca devemos temer querer alcançar as estrelas, se isso for preciso. [...] como poderíamos pedir por menos? Fazer isso é condenar tantos animais a uma vida de sofrimento e morte. Acredite em mim, é chegada a hora de alcançar aquelas estrelas e acreditar que isso é possível.”

Barry Horne (1952 - 2001)





Existe uma preferência pelo "que nada se passe",
que tudo aconteça longe daqui,
que nada crie mudanças profundas?
Estamos vivendo para preservar
nossos hábitos?
Estamos já tão desesperados
em não saber saborear nosso
tempo,
que nos escondemos
atrás de uma suposta
segurança de vida
mediocre?
Ou somos mesmo cínicos e
descomprometidos para com o nosso
poder de transformar?
É o desaparecimento dos bloqueios
vividos a nossa necessidade.

